INTRODUÇÃO AO “SIGNIFICADO ETNOLÓGICO DAS DOCTRINAS ESOTÉRICAS”, DE FRANZ BOAS

Margarida Maria Moura

Sobre as crenças esotéricas

Começo do século, fim do século – não importa –, as crenças esotéricas estão vivas, atraindo discípulos e pesquisadores. Este pequeno artigo de 1902, em que Franz Boas descreve a organização e a dinâmica destas crenças revela áreas importantes de sensibilidade antropológica no que diz respeito às sociedades tribais

Ele distingue *esoterismo* de *exoterismo* – confusão para a qual bem poucos atentam. O primeiro é oculto ou ocultado, total ou parcialmente, do conjunto da sociedade. O segundo é socializado em toda ela; se configura nos relatos dos mitos e doutrinas nas tradições orais, e pode também se configurar nos catecismos e livros sacros, que estão ao alcance de todos, nas culturas letradas. Empenhado na construção de uma abordagem dinâmica da cultura, Boas se interroga sobre o surgimento da doutrina esotérica, face à doutrina exotérica, e levanta duas hipóteses de desenvolvimento a este respeito. Fique contudo bem claro que o uso da noção de desenvolvimento nada tem a ver, aqui, com evolucionismo ou *etapismo*, orientações que o autor recusaria *in limine*, num precioso artigo, ainda durante o século dezenove, de-

nominado “As limitações do método comparativo em Etnologia”.

Ao mesmo tempo, está colocada no presente artigo a questão do sistema de crenças, esotérico e exotérico, encontrar-se provido de regras semelhantes, mesmo em sociedades que difiram nos demais aspectos do seu sistema social. Do mesmo modo a relação entre as doutrinas esotéricas e os ritos é evocada, recordando imediatamente a relação mito-rito, tão importante numa Antropologia Social posterior.

Empréstimo e mudança são noções da época, mas sua atualidade é incontestável. Embora em muitos autores e Etnografias estas duas questões flutuem fantasiosamente – especialmente a primeira –, o trabalho de campo de Boas com as sociedades do Noroeste do Pacífico já permitia, nessa época, hipóteses seguras sobre a pertinência do uso de ambas. Neste contexto interpretativo fica implícita a idéia de área cultural que, para Boas, resultaria de um processo “*de empréstimo e disseminação de longa duração*”.

Surge, então, o problema da sistematização das crenças esotéricas resultar de um

processo consciente, ou mais ou menos consciente, como se lê no texto. Esta questão de interpretação e metodologia constituiu-se numa preocupação boasiana mais do que constante. Ela se desenvolveu alguns anos depois, com a fina distinção que Boas efetuou entre *modelo consciente* e *modelo inconsciente*. Não esquecer, portanto, que a distinção entre modelo consciente e inconsciente provém de Boas: Lévi-Strauss a incorpora a partir de Boas.

Aqui, a sociedade tribal não produz somente conhecimento coletivo, mas também conhecimento de um pequeno grupo e conhecimento de uma pessoa que constrói, acrescenta e adensa o texto de uma doutrina, seja para mantê-la oculta da sociedade como um todo e tendo como estrita finalidade aprofundar a sacralidade de um processo iniciático, seja para vazá-la posteriormente para um contexto exotérico, tendo como fim a ordenação e coerência aumentadas do sistema mágico-religioso revelado.

Boas recusa assim uma teoria da decadência, em que a exoteria poderia ser interpretada como uma espécie de resto degenerado das crenças iniciáticas de um grupo fechado de sábios. Há uma relação constante entre dois corpos de doutrinas e a mediação que se estabelece é obviamente societária e cultural. Isso não impede que cérebros altamente especializados na produção de pensamentos e doutrinas tenham sido criados a partir da base e do estímulo sociocultural apontados, um sistema coerente de crenças fundado numa interação constante com aquilo que a cultura já oferece *pronto*, recriado a partir deste *pronto* e penetrado no restante da sociedade com o mesmo, que também estará sendo imediatamente recebido pela sociedade, mas também revirado por ela.

Se por um lado Boas inscreve estes conhecimentos e crenças no âmbito da História da Filosofia, decompor o significado

destas crenças em segmentos explicativos consistentes é tarefa da Antropologia.

No que toca à segmentação entre crenças *cultas* e crenças *populares*, aplicado às sociedades tribais, as lições de época são das mais interessantes. Avesso à idéia de *superstição*, ele resgata como tema por excelência da Etnologia, não o produto intelectual da pessoa mais culta do grupo, mas aquilo em que todos acreditam ou são, desde o processo de socialização na infância, convidados a acreditar. Nenhuma teoria da *elite pensante* pode ser, aqui, consagrada, já que este campo de estudos legitimaria indevidamente a noção de massa informe e burra que não sabe formular sequer uma visão de mundo consistente. Remeter-se ao contexto de época é aqui extremamente importante, pois um grande número de cientistas, no final do século dezenove, concedia a mais absoluta desimportância às crenças mágicas e religiosas *primitivas* ou, quando muito, destacava uma ou outra criação e criador de uma doutrina tida como curiosa e exótica, numa determinada sociedade, difundia-a, analisava-a, descartando tudo o mais como superstição sem nenhum valor.

É a estes últimos que Boas está se dirigindo, propondo que a doutrina exotérica é "*o fenômeno étnico mais geral*", cuja pesquisa conduz ao estudo do esoterismo propriamente dito. Significa afirmar que o elitismo dos historiadores da Filosofia não poderá descartar estas doutrinas como não-filosofias, filosofias sem nenhum valor, ou primitivismo aos quais não convém apor o elevado nome de Filosofia. E por outro lado, é afirmar que o elitismo dos antropólogos não pode destacar os sistemas de pensamento dos sacerdotes, dos chefes, dos líderes como uma espécie de nata etnográfica, descartando todos os demais saberes como um soro insípido e sem valor. Pois neste soro está a nutrição ética e simbólica da vida de todos os demais membros da sociedade.

A crença esotérica é uma crença oculta, ou melhor ainda, ocultada por um grupo de pessoas que vivencia uma iniciação fechada, face ao restante da sociedade, ou face ao conjunto de seguidores de um determinado sistema. Já a crença exotérica é revelada, explicada, e é ensinada ao conjunto dos crentes de um sistema religioso, divulgada pelo conjunto da sociedade. Estas noções implicam não só dois distintos sistemas de pensar, mas também de se comportar.

Ambas, esoteria e exoteria, exigem ritos de passagem para introduzir a pessoa nos seus conhecimentos. A doutrina revelada propõe ritos a todos os seus seguidores, como ocorre numa sociedade contemporânea, em que podem coexistir vários sistemas religiosos, ou a toda a sociedade, como nas sociedades indígenas fundadas num sistema de crenças uno e extremamente coeso. O *teatro* do rito é aberto. O seu texto obedece a regras, mas é pronunciável. Já a doutrina oculta, que se consubstancia na crença esotérica, possui ritos de passagem próprios, que são separadores, ao mesmo tempo que diferenciadores de um conjunto mais amplo. Aqui, o teatro do rito é fechado. O texto é fechado. A Bíblia tem um verbo que designa bem este último sentido: o verbo selar, colocar um selo. Isto pode significar, nas culturas escritas, aquilo que não se escreve ou aquilo do qual só alguns conhecem o sentido do que está sendo escrito, mas que não se pronuncia e, nas culturas ágrafas, o segundo sentido, somente.

O contexto do que está selado pode ser revelado repentinamente ao iniciado por um arrebatamento espiritual. É o que ocorre com João, que diz no Apocalipse, capítulo 4, verso 2, que "logo fui arrebatado em espírito" e passa a ter revelações sobre aquilo que an-

tes estava selado. Ou, no mesmo Apocalipse, capítulo 10, verso 5, o momento em que a divindade lhe diz "sela o que os sete trovões falavam e não o escrevas", ordenando a João que seja guardião de uma parcela do oculto, que só se divulga, paradoxalmente, enquanto oculto.

Quanto aos ritos de passagem que se associam à exoteria, são cíclicos, regulares, acionados em momentos precisos do ciclo de vida e ao gênero. Seus conhecimentos são veiculados por sacerdotes, mestres ou discípulos avançados, em todas as religiões.

Num país como o Brasil, onde a tradição cristã é tão forte, tanto a católica quanto a protestante, quem não sabe o que é um catecismo, um folheto distribuído sobre determinada passagem bíblica, ou ainda uma revista que evoca lições morais da tradição presbiteriana ou da devoção carismática mariana? Na esoteria os ritos de iniciação sempre são seletivos, exclusivos, associados menos a momentos do ciclo de vida que a especificações espirituais de uma vida (o arrebatamento, o alumbramento), que podem ser de um ou outro gênero. Estão associados não a uma passagem, mas a várias, o que revela a idéia de graus ascendentes sucessivos. Seus conhecimentos são veiculados através de um contato sistemático e duradouro com mestres, e sua distribuição é fechada. Fechada porque exige a reclusão de alguma forma, interina ou permanente; exige abstinências, interinas ou permanentes; exige sinais diacríticos, que sinalizam o corpo biológico com marcas culturais, ou aquelas tidas como puramente espirituais, isto é, providas do Absoluto; exige estudo e aprendizado individual e particular de conhecimentos exclusivos. Como exemplo, deixemos um pouco da tradição cristã e falemos do hermetismo ético da Escola Esotérica Russa.

Na Rússia do início do século, floresceu uma escola esotérica cujo chefe foi G. O. Mebes, grande mestre de ciências ocultas.

Mebes tinha uma academia em São Petersburgo, com um número considerável de discípulos. Leitor de várias tradições esotéricas, conhecia a tradição hebraica e russa, entre outras. Sua especialidade mais conhecida e que se constituía justamente na parte revelada de seus conhecimentos era o Tarot, mas o Tarot não como o oráculo da paixão ou do conflito, mas enquanto uma iniciação sefirótica.¹ A apreensão do Tarot se fazia em Mebes pela idéia de estágios ascensionais do espírito humano que, começando no domínio de Ouros, viria a passar para o domínio de Espadas, depois para o domínio de Copas, já sendo este um território que poucos atingem, chegando até uma iniciação em Paus, que é fortemente espiritualizada, exigente e mais rara. Este tipo de conhecimento oferecido a conta-gotas a um público mais amplo se ligava por fios delicados a um universo mágico não revelado. Seus discípulos se situavam em diferentes graus de iniciação esotérica, no que são semelhantes aos Rosacruz, outra escola esotérica também composta de crenças e ritos que se estratificam, em estágios progressivos de conhecimento. São justamente estes graus de iniciação sucessivos e ascendentes para dentro, que distinguem as passagens de um estado a outro para fora, e que se encontram presentes no Batismo, na Primeira Comunhão e na Crisma, enquanto sacramentos de mudança de estado dos fiéis católicos. Embora possa haver progressão, como no caso de uma primeira Eucaristia e uma Crisma, que adensa e complexifica o Batismo, só é esotérico aqui o mistério do corpo do Cristo contido na primeira hóstia comungada.

Estas observações se completam com algumas outras referidas à estrutura social. Pode-se perguntar por que as crenças esoté-

ricas ganham tanto impulso em nossa sociedade contemporânea.

Pelas interligações entre o exotérico e o esotérico que o texto de Boas permite deduzir, o fato de Mebes revelar seus conhecimentos em obras escritas mostra que o esotismo efetivamente vaza para a sociedade através de compilações, e que explicitam uma parte ou frações do seu sentido. O caminho é de mão dupla, mas não é aritmético, tem suas assimetrias.

Quando estava-se diante do reavivamento dos protestantismos, através dos novos pietismos e da exacerbação da comunicação pessoal com o Espírito Santo, que nada mais é do que o Divino da sociedade rural, mas que é também muito distinto dele, pois trata-se de um Espírito Santo que não é pomba², falava-se no Refúgio das Massas³. Mais do que isto: neste protestantismo as periferias das grandes cidades latino-americanas se expressavam, se identificavam – mais ainda, se nomeavam –, destacando-se de um mundo cada vez mais bruto e coisificador. Se, na esfera do trabalho se era anônimo ou, apenas, identificado por uma carteira (de identidade, é claro, mas também carteira de trabalho), no templo é-se reconhecido pelo nome distinto de irmão, irmã e até pelo nome próprio de cada um.

Na adesão a uma iniciação de tipo esotérico tem-se um processo de estratificação dos iniciados, face aos não iniciados, ainda mais insinuante. Poucos os escolhidos, pelo difícil ou dificultado estudo dos sistemas de crenças, estes não somente se identificam e se nomeiam, destacando-se do anonimato massificante, mas há ainda destaque, o qual opera pela posse de um conhecimento raro e que por vezes, também depende de algum tipo de sinal espiritual que torna a pessoa

1. A iniciação sefirótica também é fechada, pois é proveniente da Kabala. Aqui não se usa a palavra *selo*, mas *magia branca*.

2. Exceção.

3. Conforme o sugestivo trabalho de Lalive d'Epina.

que o retém uma escolhida. Identificação e nomeação se completam com a idéia de seleção de um grupo eleito. Não se trata, aqui, de irmã ou irmão, mas de alguém que é iniciado no grau tal ou no grau qual (mais baixo ou mais alto). Não se é irmão de todos, mas de alguns. Através de uma concepção hierárquica extremada, pode alguém desprender-se da base mais ampla para uma gradual ascensão a um píncaro que o destaca e distingue de todos os demais.

As crenças esotéricas, ao mesmo tempo que se tornam objeto de uma procura sedenta de conhecimentos, por parte de muitos, também faz mergulhar num domínio desconhecido da maioria um grupo de estudiosos, seres diferentes dos demais, porque mais sábios, mais nobres, mais puros, ou *ça va sans dire*, mais próximos do sagrado.

O significado deste artigo de Boas, pouco conhecido entre nós, é modesto, se comparado com a monumentalidade e o cosmopolitismo da obra boasiana. Já publicado em inglês,

nos Estados Unidos, é coetâneo dos artigos sobre Religião e Magia escritos por Emile Durkheim e por Marcel Mauss para a *Année Sociologique*, no início do século vinte. As trocas intelectuais entre Boas e Mauss só se tornariam conhecidas vinte anos mais tarde, com o aparecimento do "Essai sur le don", que depende da Etnologia boasiana para obter a densidade comparativa que uma teoria do presente nas sociedades humanas exigiria. Isto pode ser comprovado pelas mais de cem citações de obras de Boas que o importante trabalho de Mauss utiliza. Entre a chamada Escola Francesa de Sociologia e a Antropologia americana dos primeiros anos do século vinte, estabelecem-se laços tênues inicialmente, depois trocas mais marcantes, que culminariam nas Antropologias dialogantes do jurista Mauss e do geógrafo Boas.

Que esta pequena amostra, pequena sobretudo por carecer de uma parte comentada por um(a) especialista em sociedades indígenas, sirva de indicador não só da permanência e do retorno de certos temas, como o esoterismo, mas sobretudo da permanência e retorno do grande Boas.